

Reis de Boi: do popular à religiosidade

Gisele Lourençato Faleiros da Rocha – PPGAV/EBA/UFRJ

RESUMO:

O presente artigo analisa a manifestação de Reis de Boi, a qual compõe o conjunto de expressões da cultura popular com devoção aos Santos Reis. Ao mesmo tempo, incorpora o auto do boi, presente em muitos folguedos existentes pelo Brasil afora, cada um a maneira de sua região. A presença do boi é marcante, incorpora uma variedade de expressões, plasticidades, simbologias, destacando-se, sobretudo pela integração de componentes culturais europeus, africanos e indígenas. De forma específica analisam-se configurações dos grupos de Reis de Boi, espaços, cenários, temporalidades e visualidades.

Palavras-chave: Reis de boi; Folguedo; Expressões; Simbologia;

ABSTRACT:

This article analyzes the expression of Boi Kings, which makes up the set of expressions of popular culture with devotion to the Holy Kings. At the same time, embodies the self steer, present in many existing mirth throughout Brazil, each of the manner of their region. The boi presence is apparent, incorporates a variety of expressions, plasticity, symbols, highlighting especially the integration of European cultural components, Africans and Indians. Specifically analyzes settings of Boi Kings groups, spaces, scenarios, temporality and visual arts.

Keywords: Boi kings; Merriment; Expressions; Symbology;

A MANIFESTAÇÃO DE REIS DE BOI EM SÃO MATEUS – ES

Nosso lócus de pesquisa encontra-se localizado no município de São Mateus, integrado a um cenário marcado pelo contraste de referências do passado e da modernidade. A cidade preserva vestígios antigos, edificadas em ruínas como a Igreja Velha, casarões presentes no sítio histórico, igrejas do período colonial (Fig.1), propriedades rurais ao redor do município e em suas adjacências.

Ao mesmo tempo, traços do progresso são revelados pela edificação de novas construções como praças, prédios, estabelecimentos comerciais, entre outros que demonstram o heterogêneo processo de modernidade ocorrido em diferentes cidades brasileiras (Canclini, 2006). Neste contexto, mateenses contemplam o seu patrimônio material e imaterial, simbolizado tanto em grupos de sólida tradição

étnico-religiosa como: o Jongo¹, a Capoeira, o Congo e os Reis de Boi, quanto em grupos modernos de dança de rua, teatro, músicos, artesãos e artistas plásticos.

A cidade é vestida de referências imagéticas, sincretismos, hibridizações, simbologias e práticas culturais (re) inventadas sob a forma de contextos e convenções cotidianas, de forma que: “as associações simbólicas que as pessoas compartilham sua moralidade, cultura, gramática ou costumes, suas tradições tão dependentes de contínua reinvenção quanto idiossincrasias, detalhes e cacoetes que elas percebem em si mesmas ou no mundo que as cerca.” (WAGNER, 2010, p.94).



Figura 1 – Patrimônio São Mateus, ES, Brasil.

Fotos: Gisele Rocha, 2013.

Historicamente, a cidade de São Mateus é conhecida como uma das primeiras que surgiram no Brasil. Situada na região norte do Estado do Espírito Santo, colonizada por portugueses em meados do ano de 1544, foi a quinta cidade fundada no Brasil. Inúmeros navios de escravos foram deportados no porto de São Mateus, o que hoje configura o rico patrimônio cultural, histórico, arqueológico, étnico e religioso da região. A identidade quilombola deixou intensas marcas culturais, misturas étnicas, registros históricos, artísticos e simbólicos, os quais podem ser encontrados nas histórias de vida dos habitantes do local, nos saberes populares, no vocabulário, na culinária, no artesanato, na religiosidade, nas festividades, enfim, nos mais variados processos da vida norte capixaba.

Como em muitos municípios do nosso país, a cidade de São Mateus recebe o nome do de um santo da religião católica. A nomenclatura também está associada a paisagem da cidade, contornada pelo rio Cricaré que em um de seus trechos se desenha na forma de um “S” em meio a uma exuberante paisagem que segue até desaguar no mar. Dentro dessa riqueza paisagística e cultural identificamos a manifestação dos Reis de Boi, composta por diferentes grupos, todos com suas particularidades em suas

¹Dança de roda e de origem africana. Os jongueiros em São Mateus prestam homenagem à São Benedito, Homens e Mulheres dançam sob a orientação de um mestre. No Jongo, por exemplo, identifica-se uma sequência pré-definida de ritos: como a colocação do mastro, as celebrações católicas, a dança do jongo, a interação com a comunidade. Todo esse processo é mediado por trocas culturais, simbólicas e conhecimentos populares que caracterizam a cultura regional capixaba. O Jongo recebeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil e encontra-se inscrito no Livro de Registro das Formas de Expressão do Patrimônio Cultural de natureza Imaterial. Constitui-se uma expressão de origem africana e consolidou-se entre os escravos que trabalhavam na cultura do café e da cana-de-açúcar, na região do sudeste brasileiro, principalmente no Vale do Paraíba. Informações extraídas do Dossiê do Jongo do Sudeste (Op. cit.) e Certidão de Tombamento do Jongo, de acordo com o artigo quinto do Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000, conferido pelo presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Informações extraídas do Dossiê do Jongo do Sudeste, parecer nº001/GI/DPI/Iphan e processo nº 0150.005763/2004-43. Brasília: IPHAN, 2005 e Certidão de Tombamento do Jongo, de acordo com o artigo quinto do Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000, conferido pelo presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

origens e histórias pessoais de seus integrantes. Neste cenário, paisagens naturais, culturais e representações humanas integram-se às práticas cotidianas, aos preparativos festivos e em encenações que acontecem anualmente entre os meses de dezembro e fevereiro, momento em que os autos de Reis de Boi dão vida às crenças e a cultura popular mateense.

A manifestação de Reis de Boi compõe o conjunto de expressões da cultura popular brasileira que prestam devoção aos Santos Reis. Ao mesmo tempo, incorpora o auto do boi, presente em muitos folguedos existentes pelo Brasil afora, cada um a maneira de sua região: Bumba-meu-Boi no Maranhão e Ceará, Boi-Bumbá no Amazonas, Boi-Calemba no Rio Grande do Norte, Boi de Mamão em Santa Catarina e Reis de Boi no Espírito Santo. De tempos em tempos, em diferentes locais no Brasil as manifestações do Boi foram incorporando adaptações regionais. De maneira semelhante, o culto e as homenagens aos Santos Reis² não é um costume apenas dos grupos de Reis de Boi, mas pelo contrário acontece de diferentes regiões brasileiras.

A presença do boi é marcante, incorpora uma variedade de expressões, plasticidades, simbologias, destacando-se, sobretudo pela integração de componentes culturais europeus, africanos e indígenas. A esse respeito relacionamos que:

O Reis de boi que vimos ali representado assemelha-se aos Bumbas-meu-Boi do norte e do nordeste. Claramente se verifica que a Catarina deve ser a mesma Tia Catarina do Bumba baiano e a Mãe Catarina do Bumba do Maranhão. Mas o ponto de referência mais estreito está no Boi – figura central nos dois autos populares. Como nos Bumbas-meu-Boi, o animal do Reis de boi entra em cena, dança, cabrioleia, dá marradas e, lá pras tantas morre. [...]. Num e noutro folgado, o Boi ressuscita, e torna a dançar e a dar marradas nas figuras e nos assistentes (NEVES, 2008).

Segundo Andrade (1982) o boi constitui-se “*o bicho nacional por excelência*” e inspirou diferentes festas. Sua origem estaria associada às culturas ibéricas, com a síntese das três matrizes étnicas formadoras do povo brasileiro: portuguesa, africana e indígena, como afirmava: “*era comovente observar que apenas em três bases étnicas o povo celebra secularmente em suas danças dramáticas*” (Andrade, 1982). Em seus estudos Cascudo (1980, 2001) refere-se ao boi como um animal motivador de festividades populares, em especial nos locais onde a pecuária está presente:

As vezes, o boi tornava a escapar e sua fama crescia pela ribeira. Cantadores encarregavam-se de celebrar suas manhas, velocidades e poderio. Outros cantadores levavam cantando esses versos para outras regiões. O boi ficava célebre... O boi de certa forma está inserido no contexto cultural do Brasil e sua figura se apresenta em folguedos folclóricos, canções, literatura de cordel e em outras manifestações com diferentes nomes: Boi-bumbá, Boi-de-Reis, Boi de mamão, Boi-calemba e outros (CASCUDO, 2001).

²As Folias de Reis são conhecidas como cortejos religiosos, de origem popular com referências da viagem dos Reis Magos a Belém. Encontramos diferentes denominações: Terno de Reis, Reisado, Companhia de Reis, entre outros (PORTO, 1982).

Além do Reis de Boi, em todo território capixaba encontramos ricas manifestações expressivas como festas, folguedos, danças, cantorias. Verificamos a existência de uma verdadeira mescla cultural incorporada em representações folclóricas e da cultura popular, permeadas por novas configurações, elementos estéticos e identidades. No caso do Reis de Boi, a multiplicidade de referências étnicas, imaginários, referências do cotidiano, religiosidade, talvez seja esse um dos motivos que possibilitaram a permanência de tantos grupos dessa manifestação.

Em São Mateus/ES encontramos muitos praticantes, pelo menos 15 grupos ativos, os quais realizam apresentações anuais tanto nos bairros da cidade como nas áreas rurais ou em comunidades. Os ensaios iniciam com a chegada gradativa dos brincantes. Grupos de brincantes vão se formando para colocar a conversa em dia. Integrantes dos Reis de Boi e visitantes falam sobre assuntos variados: política, futebol, locais a se apresentarem, sobre festividades do ano anterior, trocam notícias de suas famílias. Nesses ensaios e reuniões internas do grupo os brincantes repetem as novas cantorias, fazem adaptações das narrativas, criam versos. É apenas nas semanas de apresentação que os locais de visita são definidos e cada integrante do grupo vai repassando as informações de um para o outro, geralmente de maneira informal. O grupo marca um local para se encontrar, às vezes realiza um ensaio prévio de depois inicia a visita nas residências.

As visitas realizadas nas residências são antecedidas pela peregrinação dos brincantes, na maioria das vezes realizada a pé. Os brincantes percorrem bairros usando chapéus, carregando instrumentos, bichos e usando as roupas características de cada grupo. Além das trocas culturais observa-se a presença do sincretismo, vivenciado por jongueiros e brincantes dos Reis de Boi, com o culto a São Benedito protetor dos negros, aos Santos Reis, louvação à São Sebastião, sendo uma coexistência e justaposição de devoções distintas.

O processo de acompanhamento e pesquisa desses grupos iniciou-se no ano de 2010, momento em que foram feitas as primeiras observações e registros visuais coletados em campo. Nos anos posteriores, em 2011 e 2012 realizei as primeiras entrevistas, acompanhamento de ensaios, peregrinações e cantorias que aconteciam nas residências mateenses e na tradicional festa anual no bairro Pedra D'água em São Mateus-ES. A partir do ano de 2013, além das atividades de campo descritas, a observação e a pesquisa participativa me permitiram maior aproximação dos grupos, momento em que enquanto pesquisadora integrei-me como “*brincante*” dos Reis de Boi dos Laudêncios³. Importante destacar que a presença de mulheres nos grupos é bastante reduzida. Geralmente as mulheres auxiliam no cuidado com as roupas, confecção e ornamentação dos chapéus.⁴

PARA FESTEJAR: BRINCANDO DE REIS

Em diferentes lugares do Brasil encontramos festividades em homenagem aos Reis Magos. Em algumas regiões, essas comemorações e celebrações religiosas acontecem com “*um bando de dançantes*”

³O grupo de Reis de Boi dos Laudêncios já passou por diferentes estruturações, saída e entrada de brincantes, mudança de mestre, conflitos. Entretanto mantém-se como um dos grupos mais ativos e atuantes em São Mateus.

⁴Não apenas nos Reis de Boi, mas também em outras festividades de devoção aos Santos Reis, de modo geral não se admitia a presença das mulheres. Algumas exceções acontecem em casos de cumprimento de promessas (PORTO, 1982). No meu caso, o grupo foi consultado e fui aceita porque já acompanhava o grupo em trabalho de campo, brincantes me relataram que alguns participantes tiveram dificuldade em aceitar a minha participação.

que vai de casa em casa, recebe ordens para entrar, homenagem dos donos da residência, sendo um momento efêmero de oração (BRANDÃO, 1989, p.15). O ciclo de festividades altera a vida cotidiana das cidades transformando de forma específica a rotina dos moradores e dos grupos que se apresentam. Configura-se como uma organização social, coletiva dependente de fatores religiosos, políticos e simbólicos: “*ora ela é suporte para a criatividade de uma comunidade, ora afirma a perenidade das instituições de poder*” (PRIORE, 1994, p.9).

As festas são momentos de alegria, de manifestação de valores e de apropriação da cultura e da crença religiosa. Ao mesmo tempo, podemos compreendê-la como um elemento de reconstrução do passado, da historicidade de um povo e manifestação de seus anseios, conflitos, crenças e expressividades: “*a festa é uma fala, uma memória, uma mensagem*” (BRANDÃO, 1989, p.8.). Em recentes pesquisas de campo percebemos que os conflitos entre os integrantes dos grupos de Reis de Boi são projetados nas narrativas e proclamados durante as apresentações, demonstrando uma aproximação entre arte e vida coletiva (GEERTZ, 1997). Nos autos dos Reis de Boi, também encontramos expressões populares ou moralidades, portanto a cultura popular não se revela apenas nos objetos, ela possui uma significação social, em comportamentos e meios de comunicação gestual, oral e visual.

A produção festiva, religiosa e artística da manifestação de Reis de Boi faz parte do cotidiano da vida de muitos brincantes e cidadãos mateenses. Evidencia-se uma lógica própria em ser “*brincante de Reis de Boi*”, qualquer que seja a função ou atuação de seus componentes: mestre, marujo, violeiro, sanfoneiro, personagem da Catirina, bichos ou animais presentes no ritual. Entendemos, portanto que a manifestação de Reis de Boi é um fazer cultural (Fig. 2 e 3), integrada ao conjunto das manifestações que prestam homenagens aos Santos Reis.



Figuras 2 e 3 – Fotografias do Primeiro Ensaio realizado em 4 de janeiro. São Mateus, ES, Brasil.

Fotos: José Roberto Gonçalves de Abreu, 2013.

Os ensaios iniciam com a chegada gradativa dos brincantes. Grupos de pessoas conhecidas vão se formando para colocar a conversa em dia. Integrantes dos Reis de Boi e visitantes falam sobre assuntos variados: política, futebol, locais para se apresentarem, sobre festividades do ano anterior, trocam notícias de suas famílias. Nesses ensaios e reuniões internas do grupo os brincantes também repetem as novas cantorias, fazem adaptações, criam versos.

Um dos aspectos da manifestação de Reis de Boi que podemos destacar está relacionado à sua mobilidade, variedade de espaços e cenários percorridos pelos grupos. É apenas nas semanas de apresentação que os locais de visita são definidos e cada integrante do grupo vai repassando as informações de um para o outro, geralmente de maneira informal. O grupo marca um local para se encontrar, às vezes realiza um ensaio prévio e depois inicia a visita nas residências. De maneira geral não há um número determinado de casas para visitar por dia, isso geralmente depende do Mestre e da disposição do grupo (PORTO, 1982).

OS GRUPOS DE REIS DE BOI

Os grupos são compostos por diferentes integrantes, variando de 15 a 25 no número de integrantes, sendo o Mestre, os Marujos, o Violeiro, o Sanfoneiro, o patrão: dono ou responsável local, residência ou entidade que recebe a visita dos Reis de Boi. Demais personagens são: o vaqueiro, a Catirina, o boi, os Bichos.

A identidade dos Reis de Boi pode ser identificada nas denominações de cada grupo. De maneira geral o grupo de Reis de Boi leva o nome de seu mestre, função que é repassada posteriormente para outros familiares ou por um frequentador do grupo apto para essa função. Outro aspecto refere-se às diferentes localizações dos grupos de Reis de Boi, compostos por integrantes ora residentes na cidade de São Mateus e Conceição da Barra, ora moradores de propriedades rurais e comunidades quilombolas nas adjacências do município. Os grupos de Reis de Boi também levam o nome dessas localidades, como por exemplo, o Rei de Bois das Barreiras, localizado em Barreiras no município de Conceição da Barra e o Reis de Boi do Palmitinho localizado na Comunidade Palmitinho no município de São Mateus.

Em outras situações específicas o nome do grupo é coordenado por um casal, como no caso do Sr. Sebastião Guilherme e Sra. Maria, organizadores do Reis de Boi Tião de Véio e Sr. Joventino e Sra. Maria Liça no Reis de Boi do Joventino. Algumas particularidades merecem destaque o Grupo de Reis de Boi de Maria Justina, que é o único Reis de Boi coordenado por mulheres e os Grupos de Reis Mirim um em Pedra d'água, no qual a Sra. Eni Bento Ferreira ensina crianças desde o ano de 2004 e o Grupo Mirim do Projeto Araçá, ambos com objetivos de veicular a tradição de Reis de Boi para jovens e crianças em São Mateus.

Outros grupos, de maneira singular fazem homenagem aos líderes quilombolas da região norte capixaba: o Reis de Boi do Manuel Sapucaia (Mestre da Cultura Quilombola, de Reis de Boi e Ticumbi) e o Reis de Boi de Ernesto/ Lino.

O Reis de Boi de Ernesto / Lino, localizado na Comunidade de Linharinho e Povoado de Santana em Conceição da Barra se diferencia dos demais, em especial na estruturação do auto dos Reis de Boi. O seu conjunto de personagens retrata a relação entre senhores e escravos. Demonstra-se a existência de um engenho com duas crianças que puxam a roda do engenho junto com os demais brincantes.

Portanto, a identidade de cada grupo é construída em função de argumentos que a nutrem e, assim cada grupo pode passar por diferentes configurações de identidade, em diferentes momentos de sua história em consequência de situações que vivenciadas. Aqui percebemos o quanto as questões de identidade encontram-se associadas às práticas culturais, cotidianas e relacionadas a uma interdependência entre condições objetivas e experiências subjetivas da vida, dos modos de agir, pensar que são

produzidos em uma comunidade. Essa característica multifacetada das identidades merece atenção, em especial porque os membros de um mesmo grupo são submetidos a diferentes processos de apropriação de uma mesma produção simbólica.

ESPAÇOS, CENÁRIOS E TEMPOS DE FESTA

A festa em Pedra D'Água acontece todos os anos na comunidade, o ritual envolve uma sequência definida que se repete: missa, procissão até as margens do Rio Cricaré, apresentação dos grupos de Reis de Boi dentro da Igreja Comunidade dos Santos Reis e posteriormente no pátio externo da comunidade (Fig. 4 a e 4 b).



Missa



Procissão (Rio Cricaré)



Igreja da Comunidade Santosd Reis



Apresentação dentro da igreja

Figura 4 – Fotografias da Festa em Pedra D'Água. São Mateus, ES, Brasil.

Fotos: Gisele Rocha, 2010;2012.

Entretanto, podemos observar em pesquisa de campo que a maioria das apresentações dos diferentes grupos de Reis de Boi realizadas durante o período festivo acontece em diferentes cenários, seja no espaço urbano (nas residências de conhecidos ou familiares dos integrantes dos grupos) ou nas áreas rurais e pequenos sítios nas adjacências do município de São Mateus. Sendo assim, revela um conjunto heterogêneo de lugares, pessoas, brincantes objetos, sonoridades, visualidades, performances corporais que são reproduzidos e representados nos rituais de apresentação.

A festa e as apresentações nas residências reúnem pessoas e configuram um sistema social próprio de brincantes, devotos, familiares e apreciadores de uma determinada localidade. Vale destacar que cada grupo possui o seu próprio circuito de casas a serem visitadas e os moradores geralmente oferecem um lanche e bebidas aos integrantes dos grupos no final das apresentações.

No aspecto temporal, em meados do mês de novembro/dezembro que se iniciamos preparativos, ensaios e as primeiras apresentações nas residências mateenses. Uma peregrinação com intuito de cultuar os Reis Magos e sua visita à sagrada família. Os sentidos das festividades de Reis de Boi se reatualizam por meio das celebrações, (re)invenções e significação de seus ritos. Simbolicamente essas apresentações teriam início no dia 6 de janeiro e se estenderiam até o dia de São Brás, 3 de fevereiro, seria este o período mais intenso de apresentações. Entretanto, esse marco temporal não é definitivamente delimitado, uma vez que os grupos de Reis de Boi participam eventualmente da vida cultural, religiosa e festiva da cidade: antes, durante e depois desse período.

Uma indagação nos é pertinente: seria essa variedade de públicos e cenários que confere a extensão da manifestação de Reis de Boi em São Mateus? Podemos considerar que a mutabilidade de espaços e cenários motiva a presença de tantos praticantes brincantes, devotos, apreciadores, enfim de todo o público de Reis de Boi? Em certa medida entendo que sim. Embora existam muitos grupos e sejam conhecidos na cidade, na comunidade, com apresentações marcadas pela presença políticos, religiosos, profissionais da cultura, do turismo, grupos populares, a manifestação é pouco veiculada pela mídia.

REIS DE BOI: VISUALIDADES MÚLTIPLAS

Encontramos uma rica variedade de processos de criação e referências artísticas, o encontro de diferentes culturas nos espaços de apresentação dos Reis de Boi. Uma variada plasticidade se expressa na matéria prima utilizada nos tecidos, nas fitas que adornam os chapéus, nas tiras bordadas, nas máscaras dos personagens. Embora cada grupo busque uma apresentação de destaque, com composições bem elaboradas e com uma bicharada colorida, não evidenciamos hierarquias ou disputas conflituosas entre os grupos.

PERSONAGENS

Os grupos são compostos por diferentes integrantes, sendo o Mestre, os Marujos (Fig. 5), o Violeiro, o Sanfoneiro, o patrão: dono ou responsável local, residência ou entidade que recebe a visita dos Reis de Boi. Também temos como demais personagens o vaqueiro, a Catirina, o Boi, os Bichos.



Figura 5 – Fotografias da Festa em Pedra D´Água. São Mateus, ES, Brasil.
Fotos: Gisele Rocha, 2011.

MESTRES E MARUJOS

O texto das marchinhas é composto anualmente e de forma particular pelo mestre de cada grupo. O mestre é o dono da brincadeira, é também o cantador e quem direciona os textos e o refrão é respondido pelos marujos (Fig. 6).



Figura 6 – Fotografias da Festa em Pedra D´Água. São Mateus, ES, Brasil.
Fotos: Gisele Rocha, 2012.

O VAQUEIRO

O vaqueiro (Fig. 7) é o interlocutor da brincadeira, ele reproduz as narrativas criadas pelo Mestre e dialoga com o patrão. Dentro do ritual de apresentação do Reis de Boi, o vaqueiro conduz a venda, a morte e a ressurreição do boi, além de utilizar citações com referências do cotidiano. As narrativas muitas vezes trazem expressões e dizeres populares como: “*Nesse bigode macio toda mulher quer pegar*”; “*em qualquer parada dura sou capaz de resistir*”, “*e já se fala muito não ter medo, quem late demais é cão*”,

“Toda mulher solteira é um beijo, mulher casada aperto demão... Quem mexe com mulher casada tem que morrer porque o respeito é muito bom. Essas narrativas refletem o imaginário cotidiano popular, conflitos e situações da vida coletiva.



Figura 7 – Fotografias da Festa em Pedra D´Água. São Mateus, ES, Brasil.
Fotos: Gisele Rocha, 2012, 2013.

O historiador Aguiar (2005, p.103) relata que antigamente o vaqueiro era conhecido como “Pai Francisco”¹ e ele ocupava um “*lugar de destaque na preferência do povo que acompanha com entusiasmo as apresentações do Reis-de-Boi, onde ele vira atração da festa, aproveitando a ocasião para “vender o boi” para o dono da casa*”. Através de um clima muito descontraído, o vaqueiro também se torna uma atração na festa, de forma a conduzir a venda do boi para o dono da casa e fazendo coreografias: “*sapateando ao som da melodia contagiante, falando em versos hilários e provocativos e, principalmente, “repartindo o boi” – oferecendo-o aos “fregueses”, sempre cobrando pelo seu “serviço” e satirizando os acontecimentos de desagrado da comunidade (AGUIAR, op.cit)*”. Sua entrada nas apresentações é mediada pela “*marcha de chamada do vaqueiro*”, e ele aparece depois que a melodia é repetida algumas vezes. De forma descontraída entra em cena sapateando, com os pés no chão vai batendo um cajado ou bordão, como se fosse uma vara de um boiadeiro ou pastor. Na maioria das vezes utiliza um traje colorido e com tecidos variados. A roupa é de um vaqueiro trabalhador, quem após sua exibição ao público começa o seu discurso dando boanoite ao dono da casa e ofertando o seu boi para ser comprado.

CATIRINA

É a mulher do vaqueiro, na verdade representada por um homem vestido de mulher, quem usa roupas femininas e uma máscara. Ela tem um aspecto grotesco, engraçado e retira homens da plateia para dançar, o que confere enorme alegria e descontração durante as encenações. A presença da Catirina

¹Aguiar (2005) refere-se ao mito do Boi presente em inúmeros folguedos de Boi no Brasil. A narrativa revela que opai Francisco roubou o boi do patrão para satisfazer o desejo de sua esposa que estava grávida e com desejo de comer a língua do boi. O patrão ao perceber a ausência de um de seus bois no rebanho interrogou todos os seus escravos até que pudesse descobrir o responsável. Após se aborrecer com pai Francisco o patrão o obrigou a trazer o boi vivo novamente. Pai Francisco pede ajuda a um Pajé e ao conseguirem fazer o animal ressuscitar uma grande festa foi realizada para celebrar o milagre. DELFINI, Luciano. **Festas populares do Brasil**. São Paulo: Europa, 2011.

desdeos tempos antigos traz implícita a impossibilidade de que as mulheres pudessem participar das brincadeiras do auto do boi. As mulheres geralmente poderiam apenas realizar os trabalhos como decoração dos ambientes de apresentação, confecção e manutenção das roupas dos marujos, montagem e decoração dos chapéus (o que em muitos grupos também é feito pelos homens), preparação dos altares e de rezas.

OS BICHOS

O boi é o principal animal presente nos grupos de Reis de Boi, o protagonista de toda encenação. É conhecido como “Boi Mole” (Fig.8) pela ausência de armação em sua estrutura, sustentado apenas por um bastão de madeira, tendo o seu corpo coberto por tecido de Chita colorida². A cabeça é enrolada no tecido e o boi pode ser levado no ombro, esse aspecto facilita bastante a mobilidade dos grupos durante os períodos de apresentação. Eles são projetados para um corpo com altura variando de 1,6 a 1,8m em média.



Figura 8 – Fotografias da Festa em Pedra D´Água. São Mateus, ES, Brasil.

Fotos: Gisele Rocha, 2013.

Concluídas as negociações entre o vaqueiro e o dono da casa inicia-se a chamada do boi que entra dançando e interagindo com o público. Terminada a cantoria ocorre a morte do boi, nesse momento todas as partes do boi são vendidas e cada um contribui com o vaqueiro como pode. Posteriormente o boi é ressuscitado e dança ao som da marcha “*Levanta meu boi*”.

O vaqueiro tenta também vender outros bichos, e com isso cada grupo de Reis de Boi revela a autenticidade de seu imaginário: macacos, cucas, lobisomens, lobas, sapos invadem o público e provocam uma tremenda euforia. Nas encenações o vaqueiro tem vários nomes, entretanto o mais comum em outras regiões brasileiras é *Pai Francisco* e sua esposa é a *Catirina*, quem aparece na forma de um travesti e se agarra ao marido.

²INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE BRASILEIRO. **Atlas folclórico do Brasil**. Espírito santo, Rio de Janeiro\; FUNARTE, 1982, p.78.

INDUMENTÁRIAS, SONORIDADES E COREOGRAFIAS

As cantorias trazem referências da vida cotidiana. Além das cantorias e rezas aos Santos Reis realizadas pelo violeiro, sanfoneiro, mestre, marujos percebemos a movimentação dos corpos e um contínuo de movimentos circulares, em um fluxo rotativo. As vezes em um círculo contínuo, outras vezes em duas colunas que se reencontram. A esse respeito menciona Cascudo (1980, p.47) a influência das danças indígenas no século XVI sendo danças “*sem ligação individual, em círculos que se deslocam da esquerda para a direita*”.

As vestimentas do sanfoneiro, violeiro e marujos são semelhantes e podem variar na cor da calça e de coletes (usado apenas por alguns grupos). De maneira geral os brincantes vestem uma calça preta, uma camisa branca e uma faixa de cetim vermelha cruzando o peito. Todos eles usam um chapéu ornamentado com flores e fitas coloridas, o que a meu ver dá aos grupos certa unidade e sentido de coletividade. As indumentárias do vaqueiro, boiadeiro e dos bichos são mais variadas e geralmente coloridas. Refletem imaginários e manifestam um estilo cômico o que atrai e promove a interação com o público. Encontramos uma bela plasticidade e cromatismo, o que se intensifica pelos ritmos sonoros e movimentações corporais. Com todas essas representações vamos constituindo a comunicação simbólica da manifestação de Reis de Boi.

CONFIGURAÇÕES ATUAIS

Nos Reis de Boi, percebemos um desejo velado de encantar o público, mas cada grupo tem a sua própria linguagem e pontos de confluências nas formas de se mover, cantar, na composição das indumentárias, nos adereços.

Nos dias de festa e em momentos de apresentação as visualidades são expressas em diferentes objetos e simbologias, imagens de santos, cores e vestimentas, linguagem oral, ritmos corporais, chapéus, flores, fitas, entre outros. Cada grupo expressa seus “*jargões*” particulares: cantorias, sons, lendas de origem e às vezes prestam homenagem a outros santos, além dos Santos Reis. Sendo assim, cada grupo tem uma maneira de se organizar e de constituir a sua própria imagem, enquanto grupo e para seus integrantes ou para o público e para os outros grupos.

Suas roupas característicassão conhecidas como “*terno*” ou “*farda*”, nem sempre os brincantes usam essas classificações. Existe um elemento recorrente a todos os brincantes, são os chapéus. Todos usam os chapéus. Os chapéus são de palha, encapados com tecido de algodão, procedimento feito à mão, artesanalmente pelas esposas de brincantes e às vezes por eles mesmos. Os chapéus encapados recebem flores, espelhos, fitas coloridas, bordados, osquais dão um colorido e um requinte especial a cada chapéu.

A manifestação dosReis de Boi é um importante meio de devoção aos Santos Reis, de devoção religiosa, de influência católica. Ao mesmo tempo, revela processos criativos, objetos, simbologias e inúmeros sentidos estéticos. O universo visual da manifestação demonstra a riqueza material e imaterial dos Reis de boi e uma transposição de objetos do cotidiano, os quais são (re) inventados e configurados em novos contextos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Martins Fontes, Itatiaia, 1982.
- AGUIAR, Maciel de. **Brincantes e Quilombolas**. Memorial: São Mateus (ES), 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. São Paulo: Papyrus, 1989.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- _____. **Folclore do Brasil: pesquisas e notas**. Natal: Fundação José Augusto, 1980.
- DELFINI, Luciano. **Festas populares do Brasil**. São Paulo: Europa, 2011.
- GEERTZ, Clifford. A arte como sistema cultural. In: **O saber local**. Rio de Janeiro: LTC, 1997.
- INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE BRASILEIRO. Atlas folclórico do Brasil. Espírito Santo. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.
- PRIORE, Mary del. Festas e utopias no Brasil colonial. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982**. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 2008.
- PORTO, Guilherme. **As folias de Reis no Sul de Minas**. Rio de Janeiro: MEC-SEC: FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naif, 2010.